



A RELEVÂNCIA DOS SABERES ANCESTRAIS DO CONSELHO DE GRIÔS DA COMUNIDADE QUILOMBOLA DONA JUSCELINA – MURICILÂNDIA-TO.

Sheyla Gonçalves da Costa Moura-RA 1, sheyla.moura@ufnt.edu.br, UFNT¹
Kênia Gonçalves Costa-RA 2, kenia.costa@ufnt.edu.br, UL²

Área Temática: CIÊNCIAS HUMANAS, SOCIAIS APLICADAS E LETRAS.

RESUMO

Este estudo ressalta a importância dos saberes ancestrais dentro da Comunidade Quilombola Dona Juscelina a partir do Conselho de Griôs. Os Griôs, guardiões e guardiãs das memórias da comunidade são de grande importância. Objetivamos compreender o papel social, político e cultural dos Griôs da comunidade em pauta para perpetuação dos saberes e fazeres construídos por meio das experiências vividas pelos Griôs. O método utilizado é o indutivo com base na pesquisa bibliográfica por meio de reflexões sobre algumas dissertações e artigos produzidos sobre os saberes da ancestralidade quilombola dessa comunidade. Trata-se de uma pesquisa exploratória. Assim, a perpetuação dos modos de vida das comunidades tradicionais perpassa pelos guardiões das memórias ancestrais pelos anciãos e anciãs do quilombo, os quais exercem a função de compartilhar os saberes e experiências com os demais membros por meio da oralidade. De acordo com as análises para construção desse estudo, percebemos como resultado dessas reflexões que a Comunidade Dona Juscelina é organizada, tem um imenso e rico material cultural e, uma memória ancestral forte que reflete os modos de vida da comunidade. Fundamentados na memória e na oralidade os Griôs expressam em seus modos de vida um posicionamento político, fortalecendo a identidade do seu povo.

Palavras-chave: Ancestralidade; Comunidade; Griô; Educação; Quilombo.

¹ Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Cultura e Território (PPGCULT) na Universidade Federal do Tocantins (UFNT), campus Araguaína.

² Professora do Curso de Geografia e do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Cultura e Território (PPGCULT) do Centro de Ciências Integradas (CCI) da Universidade Federal do Norte do Tocantins (UFNT). Pesquisa sobre Mulheres, Território, Relações Étnico-raciais e Cartografia. Grupo Temático: Cultura, Saberes e Vivências dos Povos Tradicionais. Pós-Doutoranda na Universidade de Lisboa (UL).

1. INTRODUÇÃO

Esse estudo ressalta a importância dos saberes ancestrais dentro da Comunidade Quilombola Dona Juscelina a partir do Conselho de Griôs para compreendermos em que medida os Griôs são importantes enquanto guardiões das memórias da Comunidade Quilombola Dona Juscelina. O objetivo que fundamenta essa pesquisa é compreender o papel social, política e cultural dos Griôs da Comunidade Quilombo Dona Juscelina para perpetuação dos saberes construídos por meio das experiências vividas ao longo da trajetória de vida de cada Griô.

Justifica-se o estudo sobre a Comunidade Quilombola Dona Juscelina uma vez que essa comunidade tem sua organização administrativa com fundamento nas funções e papéis dos membros da comunidade e um Conselho de Griôs. O zelo pela comunidade levou Dona Juscelina e os demais quilombolas a criar no ano de 2010, uma associação e um estatuto de forma coletiva.

A problemática que norteia este estudo é em que medida a comunidade reconhece a relevância dos Griôs enquanto guardiões e guardiãs dos saberes ancestrais desse povo. É um estudo inicial sobre essa comunidade, porém, relevante para a trajetória de pesquisa do programa de Doutorado da UFNT.

Neste estudo mobilizamos algumas dissertações que foram pesquisadas na Comunidade Quilombola Dona Juscelina a saber: Izarete Oliveira (UFT-2018), que abordou o processo de territorialidade da comunidade; Katiane Santos (UFT-2018), estudou sobre a Festa 13 de Maio e seus significados; Elaine da Silva Sousa (UFT-2021), ressaltou o protagonismos feminino da comunidade; Marcos Antonio Pereira Neto (UFG-2021) enfatizando sobre os Territórios e trajetórias socioespaciais do Quilombo; Manoel Pereira Borges (UFNT-2022), que registrou sobre Os Quilombolas da Romaria, revelando a linha do tempo, protagonistas e instituições e Kamila Santos (UFNT-2023), que apresenta os cuidadores do comum: a institucionalização do Conselho de Griô na Comunidade Dona Juscelina; Izarete Oliveira (Revista Participativa, 2020), abordando a corporeidade negra, saberes do diálogo e das lutas políticas.

A ancestralidade quilombola escreveu uma história de resistência política em um território de dominação. A resistência é um ato político e de liberdade genuína deixada pelos antepassados, enquanto herança das lutas travadas nas senzalas. É por meio da Educação Comunitária fundamentada nos saberes dos Griôs que se vincula a história da ancestralidade escrita com sangue, lágrimas, contudo com dignidade e esperança que é repassada tradicionalmente pela oralidade (PORTELLI, 2010; COSTA; FONSECA, 2019).

Assim, a perpetuação dos modos de vida das comunidades tradicionais perpassa pelos guardiões das memórias, memórias ancestrais, ou seja, pelos anciãos e anciãs do quilombo, os quais exercem a função de compartilhar os saberes e as experiências com os demais membros no seu cotidiano.

2. METODOLOGIA

Trata-se de uma pesquisa exploratória e qualitativa, tendo como método, o indutivo, bibliográfico com fundamento nas reflexões sobre as dissertações e artigos sobre a Comunidade Quilombola Dona Juscelina.

Entendemos que é por meio da Educação Comunitária Oral que se vincula a história da ancestralidade escrita com sangue, lágrimas, contudo com dignidade e esperança que é repassada tradicionalmente pela oralidade com os modos de vida refletido nos fazeres ancestrais (Portelli, 2010; Costa; Fonseca, 2019).

3. RESULTADOS E CONCLUSÕES

A Comunidade Quilombola Dona Juscelina, com fundamento em pesquisas realizadas que iremos ressaltar no decorrer dessa reflexão, tem sua estrutura histórica na fé religiosa vinculada ao “catolicismo popular” de um grupo de romeiros cuja fé está em Padre Cícero ou como é referenciado por muito “Padim Ciço, tendo como protagonista a Dona Antônia Barros de Sousa que desbravou as matas em 1952, por meio das trajetórias socioespaciais em busca da “terra prometida” em visão concedida por Padre Cícero, ou seja, as Bandeiras Verdes, como sendo um território natural destinadas para aqueles romeiros. As Bandeiras Verdes seria um lugar inexplorado e com terras férteis para que os devotos pudessem plantar. Além de se tornar, posteriormente uma articulação entre o norte de Goiás e os Estados do Nordeste, nesse caso, com os Estados do Maranhão e Piauí (Pereira Neto, 2021; Borges, 2022). Sob o alicerce da fé os devotos de “Padim Ciço”, construíram um imaginário:

Os romeiros pensavam que quando atravessassem o Rio Tocantins encontrariam as Bandeiras Verdes, uma vasta faixa de terra coberta por densa vegetação nativa, com seus vales, morros, rios, córregos e riachos, consolidando um interflúvio entre dois grandes rios: o Rio Tocantins e o Rio Araguaia. Um território fecundo que abrigava o “Santo Cruzeiro”, propício ao cumprimento e vivência das profecias e os preceitos ambientais de Pe. Cícero Romão Batista (BORGES, 2022, p. 30).

O desbravamento das matas em busca do lugar prometido, os/as romeiros e romeiras

constituíram vilas na região, tornando-se povoados, comunidades e, posteriormente, cidades emancipadas pela região do norte do Estado de Goiás, hoje Estado do Tocantins. Haesbaert (2004, p. 63), “[...] muitos desses grupos sociais, em suas mobilizações políticas, buscam a construção de territorialidades alternativas em que a concepção de território é reelaborada a partir de suas próprias experiências vividas”. O território nesse contexto, pode ser entendido a partir das dimensões simbólica, funcional e material diante das significações imbricadas em suas vivências sociais, como Antônio Bispo dos Santos (2023, p. 24) “[...] relação de pertencimento com o quilombo, falo de uma relação com o ambiente como um todo, com os animais e as plantas.”

Porém, Dona Antonia Barros de Sousa não fixou moradia somente no “Morro Santo” atualmente em Aragominas, vivendo no território ocupado e acompanhada dos romeiros e romeiras se instalando também, onde hoje é a cidade de Muricilândia. A territorialização deste grupo se fez onde os romeiros e seus descendentes foram se fixando, a exemplo Pereira Neto (2021, p. 45) descreve como foram apropriados inicialmente o território em Muricilândia, “[...] Um grupo de oito homens adentrou a mata se revezando para abrir caminho até a margem do rio, o Sr. João Francisco de Sousa, vulgo João Paulino por ter tomado a iniciativa de descer o morro passa a ser líder do grupo fundador [...]” tornando-se fundador do município, o qual foi emancipado no ano de 1992.

Por causa da predominância de uma árvore com frutos vermelhos e ácidos, o murici da beira d’água ou amazônico, o grupo fundador decidiu batizar o rio de Muricizal e o povoado. Nesse contexto, existe outra espacialidade e temporalidade onde no ano de 1962 a Dona Lucelina Gomes dos Santos, conhecida como Dona Juscelina, imigrante do Maranhão chegou no povoado, com a força da ancestralidade negra e romeira, apresenta à comunidade o Festejo da Abolição herança de seu tio, conhecido como Claro Preto do Saco, que posteriormente se emanciparia e seria denominado Muricilândia, Gico (2000, p. 57) “[...] o folclore com fenômeno sócio cultural, configurado a partir das manifestações populares como expressão de historicidade”. Em 2010 a Fundação Cultural Palmares certificou como Comunidade Quilombola Dona Juscelina (PEREIRA NETO, 2021).

O estatuto da Comunidade Dona Juscelina é um documento também é denominado de “comum” dentro da comunidade por seus membros onde todos têm acesso, a Associação da Comunidade que foi criada no ano de 2010 é formada por um Coletivo de Griôs, “[...] é composto de sete membros da comunidade quilombola, com idade acima de 55 anos para Griô Aprendiz Adulto e acima de 65 anos para Griô Mestre” (Borges, 2022, p. 107-108).

Os/As Griôs também têm a função de manter a comunidade unida, em unidade na convivência e na resolução de conflitos. Em Ratts (2006, p. 59) “[...] quilombo é uma história. Essa palavra tem uma história. Também tem uma tipologia de acordo com a região e de acordo com a época, o tempo. Sua relação com o território [...]”, pois como toda comunidade tradicional tem desafios, dificuldades e conflitos, tanto interno quanto externos. Para vivenciar e relembrar as práticas culturais da comunidade são realizados eventos envolvendo seus membros e convidados tais como: Encontro de Griôs e Juventude, manifestações sociais nos festejos como a Festa do 13 de Maio, promovendo espaços de vivências e práticas sociais relevantes para a rememoração dos aspectos culturais e fortalecimento dos saberes ancestrais dessa comunidade (Oliveira, 2018).

4. CONCLUSÕES

Dessa forma, o Conselho de Griôs e o Coletivo de Juventude Griôs Aprendizes, demonstram zelo para com a ancestralidade, para com a sabedoria dos/as mais velhos/as, os anciãos e anciãs, reconhecendo sua importância e a necessidade da preservação dos saberes e experiências dessa liderança que tanto se dedicou e se esforçou para e por meio da oralidade, compartilhar os saberes ancestrais e as práticas cotidianas vividas neste território é manter sua cultura viva. Assim, ressaltamos que ainda estamos iniciantes em nossos estudos sobre essa comunidade e que há muito a ser descoberto e analisado durante nossa trajetória acadêmica.

5. FINANCIAMENTOS

Não houve nenhum tipo de financiamento. Custos próprios.

6. REFERÊNCIAS

BISPO DOS SANTOS, Antonio. **A terra dá, a terra quer**. São Paulo: Ubu, 2023.

_____. **Colonização, quilombos modos e significados**. Brasília: Instituto Nacional de Ciências e Tecnologia de Inclusão no Ensino Superior e na Pesquisa (INCTI), Universidade de Brasília, 2015.

BORGES, Manoel Filho. **Os Quilombolas da Romaria: Linha do tempo, protagonistas e instituições**. 2022. Dissertação (Mestrado Acadêmico). Programa de Pós-Graduação em Estudos de Cultura e Território - Universidade Federal do Norte do Tocantins, Araguaína, 2022.

GICO, Vânia de Vasconcelos. **Luís da Câmara Cascudo e o conhecimento da tradição**. 2000. Disponível em < <https://periodicos.ufrn.br/cronos/article/view/10721/pdf> > Acessado 24. Janeiro. 2022.

HAESBAERT, Rogério. **Dos Múltiplos Territórios à Multiterritorialidade**. Porto Alegre. 2004. Disponível em: www.ufrgs.br/petgea/Artigo/rh.pdf. Acesso em 16 de maio de 2023.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

_____. Introdução. In: **Cultura e representação**. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio: Apicuri, 2016. p. 17-30.

LIRA, Beatriz Gonçalves de; JUNIOR, Henrique Cunha. Educação física escolar e os problemas sociais da população negra: uma proposta de ensino para as relações raciais em uma abordagem antirracista. In: **Anais, Licenciatura em Pedagogia da Universidade Regional do Cariri – URCA**. Crato-CE: XIII Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra, 2022.

NASCIMENTO, Abdias. **O Quilombismo**: documentos de uma militância pan-africanista. Petrópolis: Vozes, 1980.

NASCIMENTO, Maria Beatriz. **Uma história feita por mãos negras – relações raciais, quilombos e movimentos**. In: RATTTS, Alex (Org.). 1. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2021.

OLIVEIRA, Izarete da Silva de. **Território e territorialidade nos limites do rural e urbano na comunidade quilombola Dona Juscelina em Muricilândia-TO**. 2018. Dissertação de Mestrado – Programa de Pós-Graduação em Estudos de Cultura e Território - Universidade Federal do Tocantins, Araguaína, 2018.

_____, (et al). Dona Juscelina: corporeidade negra, saberes do diálogo e das lutas políticas. **Revista Participativa: Ciência Abertura em Revista**, v. 2, 2020.

PEREIRA NETO, Marcos Antonio. **Territórios e Trajetórias Socioespaciais da Comunidade Quilombola Dona Juscelina em Muricilândia – Tocantins**. 2021. Dissertação (Mestrado) Instituto de Estudos Socioambientais (Iesa), Programa de Pós-Graduação em Geografia - Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2021.

PORTELLI, Alessandro. **Ensaio de história oral**. Tradução: Fernando Luiz Cássio e Ricardo Santhiago. São Paulo: Letra e Voz, 2010.

RATTTS, Alex. **Eu sou Atlântica: sobre a trajetória de Beatriz Nascimento**. São Paulo: Imprensa Oficial (SP) e Instituto Kuanza, 2006.

SANTOS, Kamila Ferreira dos. **Os cuidadores do comum: a institucionalização do conselho de griô na comunidade quilombola Dona Juscelina**. 2023. Dissertação (Estudos de Cultura e Território - PPGCULT) - Universidade Federal do Tocantins, Araguaína, 2023.

SANTOS, Katiane da Silva. **Do passado ao presente: a festa 13 de maio da comunidade quilombola Dona Juscelina em Muricilândia - TO**. 2018. Dissertação (Estudos de Cultura e

Território - PPGCULT) - Universidade Federal do Tocantins, Araguaína, 2018.

SANTOS, Marlene Pereira Dos. Quilombando nas matas: plantas um conhecimento ancestral. In: **Anais, Cosmovisão Africana e Afrobrasilidades: cultura, religiosidade e educação**. Crato-CE: Universidade Regional do Cariri – URCA: VII Artefatos da Cultura Negra, 2016.

SILVA, Cláudia de Oliveira da; SANTOS, Ana Paula dos. Experiência formativa com professores(as) e gestores(as): fortalecendo o pertencimento afro a partir dos marcadores das africanidades. In: **Anais, Licenciatura em Pedagogia da Universidade Regional do Cariri – URCA**. Crato-CE: XIII Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra, 2022.

SOUSA, Eliane da Silva. **Protagonistas de sua história: territorialidades femininas da Comunidade Quilombola Dona Juscelina em Muricilândia-TO**. 2021. Dissertação (Mestrado Acadêmico) Curso de Pós-Graduação em Geografia – Universidade Federal do Tocantins, Porto Nacional, 2021.

VIEIRA, Maria Antonieta da Costa. **À procura das bandeiras verdes: viagem, missão e romaria – movimentos sócio-religiosos na Amazônia oriental**. 2001. Tese (Ciências Sociais) - Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2001.